

# CONCEPÇÕES DE CORPO PRESENTES NA ILÍADA E ODISSEIA

BODY CONCEPTS PRESENT IN ILIAD AN

ODYSSEY LOS CONCEPTOS DE CUERPO EN

ILÍADA Y ODISEA

Corrêa Cahuane (cahuanecorrea@gmail.com)<sup>1</sup>; Moraes e Silva Marcelo  
(marcelomoraes@ufpr.br)<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Paraná, UFPR, Brasil

<sup>2</sup>Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

Fecha de envío: 26/02/2018

Fecha de aceptación: 30/06/2018

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar as obras "Ilíada" e "Odisseia", de Homero. Para tal, foram utilizadas as versões traduzidas em forma de verso por Carlos Alberto Nunes, publicadas pela Editora Nova Fronteira no ano de 2015. O estudo objetivou identificar as diferentes concepções de corpo presentes nos escritos, bem como quais são os corpos mais valorizados e os mais estigmatizados. Portanto, foram identificados e analisados os seguintes corpos: guerreiro, velho, mulher, escravo, mendigo e atleta. As investigações concluíram que o corpo do guerreiro recebe um maior prestígio, devido ao estilo de vida em que estava inserido, uma sociedade com guerras constantes. Posteriormente, o corpo do atleta é que atinge o patamar de destaque, devido ao fato de ter as mesmas qualidades do guerreiro, porém as utiliza com racionalidade. A soberania é imposta a partir do embate atlético, sem que haja um conflito bélico, o que garante a sobrevivência.

**Palavras-Chave:** Homero. Corpo. Guerreiro. Atleta.

**Abstract:** This article aims to analyze "Iliad" and "Odyssey" by Homer. For that, were used the versions translated in form of verse by Carlos Alberto Nunes, published by Editora Nova Fronteira in 2015. The study aimed to identify the different body conceptions present in the writings, as well as which are the most valued bodies and the most stigmatized. Therefore, the following bodies were identified and analyzed: warrior, old man, woman, slave, beggar and athlete. The investigations conclude that the body of the warrior receives a greater prestige, due to the style of life in which it was inserted, a society with constant wars. Subsequently, the body of the athlete is that reaches the level of prominence, due to the fact of having the same qualities of the warrior, but uses them with rationality. The sovereignty is imposed from the athletic clash, without there being a warlike conflict, which guarantees the survival.

**Keys:** Homer. Body. Warrior. Athlete.

**Resumen:** El presente artículo tiene como objetivo analizar las obras "Ilíada" y "Odisea" de Homero. Se utilizaron las versiones traducidas en forma de verso por Carlos Alberto Nunes, publicadas por la Editora Nueva Frontera en el año de 2015. El estudio objetivó de identificar las diferentes concepciones de cuerpo presentes en los escritos, así como cuáles son los cuerpos más valorados y los más estigmatizado. Por lo tanto, fueron identificados y analizados los siguientes cuerpos: guerrero, viejo, mujer, esclavo, mendigo y atleta. Las investigaciones concluyeron que el cuerpo del guerrero recibe un mayor prestigio, debido al estilo de vida en que estaba inserto, una sociedad con guerras constantes. Posteriormente, el cuerpo del atleta es que alcanza el nivel de destaque, debido al hecho de tener las mismas cualidades del guerrero, pero las utiliza con racionalidad. La soberanía se impone a partir del embate atlético, sin que haya un conflicto bélico, lo que garantiza la supervivencia.

**Palabras Clave:** Homero. Cuerpo. Guerrero. Atleta.



## 1. Introdução

A Grécia Antiga tem enorme importância na constituição das bases filosóficas da sociedade ocidental. Um dos primeiros elementos a ser mencionado é sua mitologia. Grimal<sup>1</sup>, salienta que esta surgiu como um marco para a explicação do universo e a origem do homem, dando sentido à vida das sociedades arcaicas. Portanto, torna-se tarefa infrutífera descrever o corpo no mito grego sem se utilizar de fontes como a *Ilíada* e *Odisseia*, escritas por Homero. Tais obras são consideradas marcos na história, pois influenciaram fortemente a literatura ocidental. A obra "*Ilíada*", ao contrário do que se supõe, não narra somente a Guerra de Tróia, mas sim as aflições de Aquiles, todos os seus dramas e conflitos internos. Sendo assim, a batalha serve apenas como pano de fundo<sup>2</sup>. Nesse mesmo enredo, o poema épico "*Odisseia*" narra as aventuras do herói Odisseu em seu retorno à Ítaca, sua cidade natal, abordando todos conflitos internos e aspirações do referido personagem.

As narrativas influenciaram fortemente a formação dos indivíduos gregos, pois tais textos eram responsáveis pela iniciação da escrita e leitura dos aprendizes. "Tal é a sua importância que, na Antiguidade, os poemas tornaram-se a base da cultura e da educação gregas. Se nos escritos de vários autores gregos antigos se vê referências a Homero, é porque o poeta foi realmente o grande educador da Hélade"<sup>3</sup>. Ao seguir a influência das epopeias homéricas, os indivíduos gregos almejavam se tornar iguais aos heróis imortalizados na arte poética.

Assim sendo, fica claro que tais livros possuem uma notoriedade, não somente por terem resistido ao tempo e ainda despertarem interesse em pesquisadores e entusiastas do período, mas pelo fato de serem considerados elementos marcantes da Antiguidade Clássica. Desse modo, pode-se apontar que os escritos foram importantes elementos da formação dos indivíduos daquele período, sobretudo, naquilo que compreende uma educação do corpo<sup>4</sup>. Sendo assim, pode-se considerar que o modelo social exposto nos poemas foi a matriz social grega e que, no caso dos elementos ligados a educação do corpo, repercutem nas concepções de corpo da sociedade ocidental na atualidade.

Nesse sentido, o presente artigo visa responder as seguintes indagações: Como repercutem na obra do poeta grego as diversas concepções de corpo existentes no contexto grego daquele período histórico? Quais padrões de corpo são mais valorizados e estigmatizados nos escritos homéricos?

Para responder as questões centrais do presente artigo, foram analisadas as obras de Homero, intituladas "*Ilíada*" e "*Odisseia*", na tradução em forma de verso de Carlos Alberto Nunes, publicadas em língua portuguesa pela Editora Nova Fronteira no ano de 2015. O método de análise a ser utilizado é a análise de conteúdo de Bardin (1977)<sup>5</sup>.

## 2. O *mythos* na sociedade grega e os diferentes modelos corpóreos

A palavra *mythos* deriva de dois verbos: *mytheyo* (narrar, falar, contar) e *mytheo* (conversar, contar, nomear, designar, etc.). O mito surgiu como uma forma de explicar o inexplicável. Sua narrativa se enquadra no contexto de um determinado povo, tentando dar explicações a fenômenos naturais. De maneira geral, o mito surgiu como uma forma de os seres humanos encontrarem seu lugar no mundo e para dar uma sensação de segurança, visto que desde os tempos imemoriais existe um grande medo do desconhecido<sup>6</sup>. Dessa forma, o

---

<sup>1</sup>P. Grimal. *La mythologie Grecque* (Paris: Presses Universitaires de France, 2003).

<sup>2</sup>A. P. Gabrecht e G. V. Silva. Homero e o contexto de produção de *Ilíada* e *Odisseia*. (*Revista Ágora*, 2006).

<sup>3</sup>A. P. Gabrecht e G. V. Silva. Homero e o contexto de produção de *Ilíada* e *Odisseia*. (*Revista Ágora*, 2006): 18.

<sup>4</sup>G. Reale. *Corpo, Alma e Saúde: O Conceito de Homem de Homero a Platão*. (São Paulo: Ed. Paulus, 2002).

<sup>5</sup>L. Bardin. *Análise de conteúdo*. (Lisboa: Edições 70, 1977).

<sup>6</sup>P. Grimal. *La mythologie Grecque* (Paris: Presses Universitaires de France, 2003).

objetivo do mito, além de explicar a criação do universo, busca também adequar os indivíduos ao mundo<sup>7</sup>.

Basicamente, os mitos são cosmogonias e teogonias. Cosmogonia remete ao nascimento e organização do mundo através de forças divinas geradoras como, por exemplo, o pai e a mãe. Já a teogonia é a narrativa da origem dos Deuses<sup>8</sup>. Geralmente os mitos são narrativas de histórias épicas protagonizadas por deuses, seres sobrenaturais, heróis e animais esplendorosos, governados por algo exterior ao mundo humano e natural<sup>9</sup>.

Como o mito é baseado na fé e na crença, sua transmissão é pela oralidade, o que o faz esbarrar em um problema basilar. Fato que levou, pouco a pouco, a seu esgotamento no contexto grego pois, essa transmissão oral podia sofrer mudanças devido às diferentes tradições e cultos. Devido a estas diversas versões, o mito deixou de satisfazer às necessidades de explicações dos indivíduos<sup>10</sup>. Outro ponto importante para o declínio do mito foram as navegações e a capacidade de alcançar lugares nunca visitados, pois tais localidades eram consideradas habitadas por monstros mitológicos e, com a possibilidade de verificação, pôde-se constatar que nada havia no local. O que paulatinamente foi esgotando as explicações de mundo dos indivíduos e foi abrindo espaço para um novo tipo de pensamento baseado na racionalidade, o que os pensadores do período denominaram de *logos*.

O início do declínio do mito foi com Xenófanés, o primeiro pensador a criticar e contestar as ideias mitológicas. Foi a partir dessa insatisfação com a explicação mítica do real e a curiosidade dos indivíduos que surgiu o pensamento filosófico, buscando elaborar uma narrativa racional dos elementos relativos à natureza. Portanto, pode-se afirmar que a filosofia e o pensamento racional tratavam-se, neste contexto, da racionalização dos mitos, explicando coerentemente o mundo<sup>11</sup>.

Com o advento de novas formas de pensar, uma das mudanças foi relacionada a concepção de corpo, que sofreu inúmeras mutações. No mito o corpo era essencialmente forte, vigoroso e astuto<sup>12</sup>. Com a chegada do pensamento filosófico surgiu uma nova concepção para o corpo, a de desenvolver o intelecto com maior ênfase. Porém, vale destacar que o cuidado com o corpo não deixou de existir, apenas tomou outra conotação. Reale<sup>13</sup>, lembra que a concepção de “corpo” não está presente de forma direta no mito e nas obras “Ilíada” e “Odisseia”. Nesse sentido, existe a necessidade de observar como a dimensão corporal foi representada nas obras de Homero.

O corpo na sociedade grega era regido pela mitologia e não seguia o mesmo modelo que se tem na atualidade. O pensamento atual de corpo unitário teve início nos séculos VI e V a.C. Neste contexto o corpo era representado pela palavra grega *soma*, que referenciava o corpo sem vida, pois era nesta condição que ele passava a ter uma forma unitária, visto que o corpo ficou rígido, estático, deixou de ser dividido em partes e passou a ser uma unidade. Já para se referir ao corpo com vida, Homero geralmente usava termos *melea* e *gyia* no plural e no singular as palavras *démas* e *chros*. Esses termos, são visualizados em inúmeras passagens das obras de Homero. Em suas obras, o autor utiliza-se do termo *melea* para designar os membros dotados de força pelos músculos. Já a palavra *gyia* seria em referência aos membros articulados, como braços e pernas. O termo *chros*, por sua vez, não seria a pele

---

<sup>7</sup> M. Eliade. *Mito y Realidad*. (Editorial Labor S.A, 1991).

<sup>8</sup> J. C. Belfiore. *Dictionnaire de mythologie grecque et romaine*. (Paris: Larousse, 2003).

<sup>9</sup> P. Grimal. *La mythologie Grecque* (Paris: Presses Universitaires de France, 2003).

<sup>10</sup> D. Marcondes. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. (6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997).

<sup>11</sup> M. Eliade. *Mito y Realidad*. (Editorial Labor S.A, 1991).

<sup>12</sup> L. C. T. Santos. *A Atividade Física e a construção da corporeidade na Grécia Antiga*. (Revista da Educação Física/UEM, 1997); G. Reale. *Corpo, Alma e Saúde: O Conceito de Homem de Homero a Platão*. (São Paulo: Ed. Paulus, 2002); B. Snell. *A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu*. (São Paulo: Perspectiva, 2005).

<sup>13</sup> G. Reale. *Corpo, Alma e Saúde: O Conceito de Homem de Homero a Platão*. (São Paulo: Ed. Paulus, 2002).

como seu significado específico, trata-se de algo próximo a uma casca, um invólucro, o limite externo do corpo<sup>14</sup>.

A organização da sociedade grega era demarcada por vínculos com os familiares, deuses e a terra que lhes abrigava e dava-lhes sustento. Schüller (1985), salienta que essa ordem social era regida pelas famílias e as mesmas estabeleciam as respectivas funções de cada um dos seus membros. Sendo assim, cada corpo tinha determinadas características herdadas dos seus familiares e eram sempre lembrados por essa genealogia, ou seja, através do nome de seus familiares, seguido da exaltação de suas habilidades e destrezas físicas<sup>15</sup>.

*O nobre filho de Atreu, Menelau, valoroso guerreiro,  
ciência tivera de que Pátroclo aos golpes dos Troas caíra.  
Corta, envolvido de bronze, através das fileiras da frente,  
e ao redor do cadáver se pôs a girar.*  
(Homero, 2015a, XVII, V.V 1-3).

No modelo social descrito nas obras homéricas é possível encontrar uma separação dos afazeres proveniente das diferenças sociais. Vernant (2001), argumenta que cada indivíduo tinha sua função na sociedade, umas com mais prestígio e outras com menor valorização. A maioria dos personagens de Homero eram oriundos de uma nobreza guerreira pois, de acordo com o modelo social grego, havia a necessidade, assim como indicam Anest (1994), Lallane (2006) e Sartre (2013), de um corpo forte para as constantes lutas e guerras ocorridas naquele período. Vigarello (2013, p.11), ao explorar tais questões remete-se a um importante conceito: “A *andréia* grega, com suas referências à guerra, à bravura, à dominação sexual, é um quadro valorativo: não mais o homem, por exemplo, mas aquele que ‘vale’ mais aquele que representa o sexo varonil, mas aquele que representa da melhor forma possível, ou maximamente, o masculino”.

O corpo do guerreiro era muito valorizado. Por este motivo ele deveria ser preparado e treinado para jamais fugir ao combate. Muitas vezes estes indivíduos eram comparados aos grandes animais, geralmente aqueles com enormes qualidades e poder na natureza, principalmente nos aspectos relacionados a força e a velocidade:

*Mais uma vez, o Tidida voltou para as linhas de frente.  
Se antes já ardía em desejos de aos Teucros vencer nos combates,  
três vezes mais ardoroso se achava. Um leão parecia,  
a que o pastor, que se encontra de guarda às lanzudas ovelhas,  
fere, ao querer escalar o curral, sem, contudo, prostrá-lo.<sup>16</sup>*

Outro ponto abordado sobre o corpo do guerreiro era a sua equiparação aos deuses. Por este motivo muitas vezes estes indivíduos eram vistos, conforme aponta Santos (1997), como semideuses. Por tais questões seus corpos eram sempre tratados com respeito e admiração, tanto em vida como na morte<sup>17</sup>.

*(...) caso com bronze afiado, me venha a matar, que me tire  
esse guerreiro a armadura e a deponha em seu barco ligeiro;  
mas restitua meu corpo, que possam, depois, os Troianos  
e as venerandas consortes à pira sagrada entregá-lo.<sup>18</sup>*

Devido aos pontos apresentados, pode-se notar que existe uma forte discrepância entre os corpos desses indivíduos, sendo uns mais fortes e astutos – guerreiros/heróis –, e outros

<sup>14</sup> G. Reale. *Corpo, Alma e Saúde: O Conceito de Homem de Homero a Platão*. (São Paulo: Ed. Paulus, 2002); B. Snell. *A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu*. (São Paulo: Perspectiva, 2005).

<sup>15</sup> D. Schüller. *Literatura Grega*. (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985).

<sup>16</sup> Homero, 2015a, IV, V.V 134-138.

<sup>17</sup> L. C. T. Santos. *A Atividade Física e a construção da corporeidade na Grécia Antiga*. (Revista da Educação Física/UEM, 1997).

<sup>18</sup> Homero, 2015a, VII, V.V 77-80.

considerados mais frágeis, pois “classificamos as pessoas quanto à aparência, fazendo delas deuses gregos, ou, diametralmente opostas, pessoas humildes, habilitando-as ou não a determinados empregos e a frequentar certos lugares”<sup>19</sup>. Sendo assim, percebe-se uma sociedade em que os valores guerreiros de força e virilidade sobrepujam quaisquer outros.

Eram considerados guerreiros apenas aqueles que tivessem seu corpo preparado para os combates, os que não apresentassem tais elementos acabavam por sofrer um estigma social. Para este indivíduo ocupar esta posição de destaque na sociedade grega, eram necessários alguns “requisitos básicos”<sup>20</sup>, como se pode ver na passagem na qual os guerreiros riem de Páris por não atender ao padrão corporal exigido:

*Páris funesto, de belas feições, sedutor de mulheres!  
Bem melhor fora se nunca tivesses nascido, (...)  
Riem-se à grande os Aquivos de soltos cabelos nos ombros.  
Um dos primeiros julgavam que fosses, por seres de físico  
tão primoroso; no entanto, careces de força e coragem.<sup>21</sup>*

Como indicado por Vigarello<sup>22</sup>, os corpos destes guerreiros eram regidos pela *andreia*. Conceito que remetia a virilidade, na faculdade de subjugar, compenetrar e se firmar perante os outros<sup>23</sup>. Pontos facilmente observáveis nas passagens de Homero, que ao qualificar um indivíduo, o faz exaltando suas características de homem: O corpo do guerreiro era retratado como belo, robusto, com membros fortes e largos, ágil, de caráter impecável, experto no manejo de armas e tudo mais que estivesse relacionado à guerra. As seguintes passagens da *Iliada* acabam por mostrar a valorização destas características corporais:

*Como se chama esse Acaio tão belo e de tal corpulência,  
de bem maior estatura e de espaldas mais largas que os outros?<sup>24</sup>  
Deram-te os deuses, Ajaz, estatura magnífica, força  
e valentia sem-par. Dos Aqueus és o mais destemido.<sup>25</sup>*

Os heróis eram de boa estatura, com musculatura bem constituída e provinham de linhagens genealógicas de guerreiros. Eram filhos de grandes heróis e muitas vezes a filiação destes indivíduos era atribuída aos deuses. Por estes motivos, em diversas ocasiões eram retratados por Homero a semelhança dos deuses gregos. Outro ponto a ser mencionado é que esses guerreiros/heróis foram criados e treinados corporalmente por algum deus do Olimpo, visto que, “Os heróis homéricos são profundamente humanos e só a assistência divina os torna capazes de ações extraordinárias”<sup>26</sup>. Sendo assim, gozar dessas características era algo reservado a poucos indivíduos, ou seja, apenas aos escolhidos pelos deuses:

*Bem se depreende que os deuses não cedem a todos os homens  
dons primorosos, ou seja na forma, no engenho, ou na eloquência.  
Este, na forma exterior, pode ser de aparência somenos,  
mas recompensam-no os deuses com o dom da palavra<sup>27</sup>.*

---

<sup>19</sup> A. S. Viegas. *A performance do belo corpo de Odisseu se mostra: De Proscrito a Príncipe*. (Principia, 2012):8.

<sup>20</sup> M. Sartre. Virilidades gregas. In: Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. (Org.). *História da virilidade I: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. (Rio de Janeiro: Vozes, 2013: 17-70).

<sup>21</sup> Homero, 2015a, III, V.V 40-45.

<sup>22</sup> G. Vigarello. Introdução. In: Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. (Org.). *História da virilidade I: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. (Rio de Janeiro: Vozes, 2013:11-16).

<sup>23</sup> S. Lallane. *Une éducation grecque: rites de passage et construction des genres dans le roman grec ancien*. (Paris: La Découverte, 2006); M. Sartre. Virilidades gregas. In: Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. (Org.). *História da virilidade I: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. (Rio de Janeiro: Vozes, 2013: 17-70).

<sup>24</sup> Homero, 2015a, III, V.V 226-227.

<sup>25</sup> Homero, 2015a, VII, V.V 288-289

<sup>26</sup> R. Aubreton. *Introdução a Homero*. (São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1968): 156-157.

<sup>27</sup> Homero, 2015b, VIII, V.V 167-170

A questão da preparação do corpo para a guerra era critério para a designação de determinadas funções sociais, criando com isso uma forma de hierarquia no campo de batalha. Aos mais fortes, geralmente os de linhagem mais nobre, cabiam as funções de comando e as melhores armas, aos mais fracos e menos corajosos restavam os piores armamentos e o meio do agrupamento no campo de batalha:

*Caros, conquanto nem todos na guerra possam ser grandes – uns, preexcelentes heróis; outros, médios; alguns, de coragem mais reduzida -, ora cumpre que todos se mostrem capazes, como sem dúvida, vedes que a luta o requer.*<sup>28</sup>

Dessa forma, o corpo do guerreiro era ligado ao combate e a glória. Dois conceitos intimamente ligados, visto que a notoriedade era alcançada no campo de batalha<sup>29</sup>. Porém, o ápice de seu preito era somente obtido quando o herói era prostrado e morto em combate, o que Sartre denomina de *andreia* cívica. Então seu nome estaria gravado na memória popular, seus feitos seriam eternizados em cantos e poesias, passados por todos os cantos da Grécia. Os heróis homéricos, Aquiles e Odisseu, eram vistos como o ápice da perfeição do guerreiro/herói, a concepção ideal de indivíduo, pois gozavam de um belíssimo corpo e intensa virilidade. Odisseu em especial era dotado de uma inteligência ímpar. Ambos eram enaltecidos, porém por prismas diferentes. Aquiles por sua impetuosidade, força e coragem, já Odisseu pela engenhosidade, ponderação e raciocínio metuculoso<sup>30</sup>.

*Príamo, o velho Dardânia, o vulto de Aquiles admira, sua imponência e estatura, que um deus imortal parecia. Não menor pasmo de Aquiles se apossa ante a vista de Príamo, Vendo-lhe a nobre aparência e escutando-lhe os nobres conceitos.*<sup>31</sup>

*Filho de Laertes, de origem divina, engenhoso Odisseu, põe logo termo a essa guerra funesta. Não seja isso causa de se irritar contra ti Zeus potente, nascido de Crono.*<sup>32</sup>

Em contrapartida ao prestígio e ao cuidado com o corpo que se visualiza no guerreiro encontra-se o mendigo, que nada mais é do que um indivíduo que se caracteriza pelo descuido. Acaba por se tornar a escória, pois sua recusa ao trabalho não mantém o bom funcionamento da sociedade, restando-lhe apenas a marginalidade e assombras.

*É um metediço errabundo este aqui, sem destino sabido, de vinho e pão indigente, sem ter dos trabalhos dos homens conhecimento nem força; é tão somente peso inútil na terra.*<sup>33</sup>

Vernant<sup>34</sup>, salienta que o corpo, por ser a personificação da alma e da família do herói, deveria sempre ser tratado com muito zelo e respeito. O autor indica inclusive que, mesmo após a morte dos guerreiros, sua figura ainda era valorizada, pois não tinha ultraje maior do que deixar abandonado o corpo do morto após as batalhas, privando-os de terem uma sepultura, que seria o mínimo a ser oferecido ao indivíduo que teve a honra de morrer em

<sup>28</sup> Homero, 2015a, XII, V.V 269-272

<sup>29</sup> R. N. Bittencourt. *A conduta dos heróis na épica de Homero*. (Revista Espaço Acadêmico, 2009); M. Sartre. Virilidades gregas. In: Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. (Org.). *História da virilidade 1: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. (Rio de Janeiro: Vozes, 2013: 17-70).

<sup>30</sup> R. N. Bittencourt. *A conduta dos heróis na épica de Homero*. (Revista Espaço Acadêmico, 2009).

<sup>31</sup> Homero, 2015a, XXIV, V.V 628-631.

<sup>32</sup> Homero, 2015b, XXIV, V.V 542-544.

<sup>33</sup> Homero, 2015b, XX, V.V 376-378.

<sup>34</sup> J-P. Vernant. *El individuo, la muerte y el amor en la Antigua Grecia*. (Barcelona: Paidós, 2001).

combate. Por estas questões, os guerreiros deveriam receber funerais dignos de seus feitos, conforme aponta o próprio Homero ao descrever o funeral de Heitor:

*Por nove dias é lenha infinita à cidade trazida;  
e quando, ao décimo, a Aurora surgiu com seus dedos de rosa,  
por entre lágrimas levam o corpo de Heitor valoroso,  
sobre a fogueira o colocam e a chama incansável acendem.  
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,  
Em torno à pira de Heitor vai-se o povo de Troia reunindo. (...)  
Logo que o túmulo pronto ficou, para o burgo retornam,  
onde, reunidos, celebram solene banquete funéreo  
dentro da régia de Príamo, o rei pelos numes nutrido.  
Os funerais estes foram de Heitor, domador de cavalos.<sup>35</sup>*

Os funerais majestosos eram somente reservados aos guerreiros de grandes feitos. Aos anônimos restavam os funerais “coletivos”, pois aos guerreiros que não deixaram ações dignas de registro merecem ao menos lembrança da digna morte no campo de batalha<sup>36</sup>:

*Com bois e mulos, depois, os cadáveres todos nos carros  
transportemos, a fim de queimá-los na pira sagrada,  
um pouco longe das naves, que os ossos possamos a casa  
filho entregar, quando à pátria querida, por fim, regressarmos.<sup>37</sup>*

Como se pode notar, o corpo do guerreiro tinha um enorme prestígio, onde ser um combatente o tornava mais importante diante dos outros estratos da sociedade, pois suas ações correspondem ao bom funcionamento da cidade e a segurança do seu povo<sup>38</sup>. Porém, há outro grupo que recebe também muito prestígio, como é o caso do velho, que foi um guerreiro no viço da idade e agora lhe cabe tomar as decisões nos campos de batalha e no funcionamento da cidade.

O velho era considerado sábio devido a sua vasta experiência na vida e na guerra<sup>39</sup>. Muitas vezes seu prestígio foi construído em torno das guerras das quais participou no viço da idade. Na velhice, quando estes não são mais fortes e robustos e não tinham mais o mesmo vigor da juventude, passaram a ser parte fundamental de conselhos para decidir e aconselhar os mais jovens nas questões da guerra e do bom funcionamento da cidade.

*Para o conselho dos velhos fez vir os mais nobres Acaios:  
o velho Pílio Nestor em primeiro lugar, depois dele,  
Idomeneu, os Ajazes e o filho do grande Tideu;  
Sexto fez vir Odisseu, que de Zeus tinha o senso elevado.<sup>40</sup>*

Esta importância do corpo do velho guerreiro era pelo fato de ele ser o instrutor dos mais novos e por causa de sua sabedoria conquistada ao longo de tantas lutas. Por estes motivos, estes indivíduos eram ouvidos e respeitados por todos. Os velhos eram muito conceituados e, inclusive, iam a combate caso houvesse necessidade pois, apesar de velhos, tinham a experiência de outrora e ainda desejavam ter a glória de morrer em combate.

<sup>35</sup> Homero, 2015a, XXIV, V.V 783-803.

<sup>36</sup> D. Schüler. *Literatura Grega*. (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985).

<sup>37</sup> Homero, 2015a, VII, V.V 332-335.

<sup>38</sup> M. Sartre. Virilidades gregas. In: Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. (Org.). *História da virilidade I: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. (Rio de Janeiro: Vozes, 2013: 17-70).

<sup>39</sup> A expectativa de vida neste período histórico era ínfima devido principalmente às constantes guerras e poucos recursos tecnológicos existentes para a preservação da existência. Logo, o conceito de velhice era totalmente diverso do que existe na atualidade.

<sup>40</sup> Homero, 2015a, II, V.V 404-407.

*Próximo ao bálteo se achava, brilhante, com que se cingia  
o velho ilustre, ao tomar parte ativa na guerra homicida,  
pois, sem ceder à velhice inamável, guiava seus homens.<sup>41</sup>*

*As armaduras Laertes e Dólio também envergaram;  
eram guerreiros à força, apesar de bem velhos já serem<sup>42</sup>*

Além da função de conselheiro, ao velho guerreiro cabia a função de proteger os muros da cidade juntamente com os mais jovens que não podiam estar no campo de batalha. Função facilmente observada nas ordens de Heitor:

*Ora à cidade mandai mensageiros, a Zeus sempre caros,  
para dizer que os rapazes florentes e os cândidos velhos  
velem nos muros e torres que os deuses eternos construíram.<sup>43</sup>*

Pode-se observar claramente que o corpo do velho guerreiro tinha prestígio, pois exercia uma importante função no funcionamento da sociedade grega. Em contrapartida a essa consideração e respeito alcançados pelos guerreiros, está o corpo feminino, evidenciando os dois extremos da sociedade vigente, pois a mulher era considerada fraca e incapaz. Os corpos femininos tinham um significado diferente ao dado aos masculinos. A mulher era vista como fraca e incapaz de realizar qualquer atividade “braçal” e suas atividades eram restritas basicamente a esfera doméstica, tecendo vestes e tapetes para seus maridos e filhos<sup>44</sup>.

*A ti mulher, aconselho, apesar da prudência que mostras (...)  
vai para os quartos de cima, seguida de tuas criadas  
e permanece ali, queda; a ninguém endereças perguntas<sup>45</sup>*

Já os espaços públicos e o campo de batalha eram locais masculinos por excelência e por isso eram considerados impróprios para as mulheres<sup>46</sup>. Esta interdição pode ser observada na inquietação dos anciões quando Helena<sup>47</sup> chegou à torre para observar o embate entre Páris e Menelau:

*Os chefes, pois, dos Troianos, na torre se achavam reunidos.  
Ao perceberem Helena, que vinha apressada para eles,  
uns para os outros, baixinho, palavras aladas disseram:  
‘É compreensível que os Teucros e Aquivos de grevas bem-feitas  
por tal mulher tanto tempo suportem grandes canseiras! (...)’  
Isso diziam, mas Príamo a Helena chamou em voz alta<sup>48</sup>*

<sup>41</sup> Homero, 2015a, X, V.V 76-78.

<sup>42</sup> Homero, 2015b, XXIV, V.V 498-499.

<sup>43</sup> Homero, 2015a, VIII, V.V 517-519.

<sup>44</sup> N. Wormam. *The Body as Argument: Helen in Four Greek Texts*. (Classical Antiquity, 1997); R. M. Oliveira. *O mito de Helena em Homero: a abertura figurativa*. (Byzantion Nea Hellás, 2008); M. Sartre. Virilidades gregas. In: Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. (Org.). *História da virilidade I: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. (Rio de Janeiro: Vozes, 2013: 17-70).

<sup>45</sup> Homero, 2015b, XXIII, V.V 361-365.

<sup>46</sup> Anest, M-C. *Zoophilie, homosexualité, rites de passage et initiation masculine dans la Grèce Contemporaine*. (Paris: L’Harmattan, 1994); S. Lallane. *Une éducation grecque: rites de passage et construction des genres dans le roman grec ancien*. (Paris: La Découverte, 2006); M. Sartre. Virilidades gregas. In: Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. (Org.). *História da virilidade I: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. (Rio de Janeiro: Vozes, 2013: 17-70).

<sup>47</sup> Ao analisar as obras de Homero (2015a; 2015b), pôde-se observar que Helena é um tipo diferente de mulher, pois é retratada com certa dubiedade, ora como frágil e incapaz, ora como apta de tomar suas próprias decisões e ocupar espaços considerados masculinos.

<sup>48</sup> Homero, 2015a, III, V.V 154-161.

A passagem da *Iliada* mostra que certos espaços públicos não deveriam ter a presença de corpos femininos. Os locais que as mulheres deveriam ocupar eram os da esfera privada. Por este motivo, o tear era a atividade mais valorizada para as nobres senhoras, pois os demais afazeres domésticos e a criação dos filhos ficavam por conta de corpos ainda menos valorizados: as mulheres escravas<sup>49</sup>:

*Para o teu quarto recolhe-te e cuida dos próprios labores,  
roca e tear, e às criadas solícitas ordens transmite  
para que tudo executem, que aos homens importa a palavra,  
mormente a mim, a quem cumpre assumir o comando da casa*<sup>50</sup>

Como visto na passagem, as mulheres eram vistas como objeto, pois consistiam num requisitado prêmio de guerra, sendo utilizadas como escravas em tarefas domésticas, agrícolas e/ou sexuais.

*O prêmio de honra hás de ter, logo após o que a mim for cedido,  
ou bela trípode, ou carro bem-feito, com seus corredores,  
ou mesmo escrava donosa que possa subir ao teu leito*<sup>51</sup>

Por ser considerada fraca e incapaz, a mulher deveria ser submissa e ficar à mercê das decisões tomadas pelos homens. As mesmas não poderiam ter voz alguma nas decisões políticas da cidade, pois elas deveriam ser tomadas somente pelos homens. Para atender a esta expectativa social, os requisitos que o corpo da mulher deveria possuir eram o de ser magro, frágil e de cintura fina e sempre ornado com vestes bem feitas. Os cabelos precisavam ser longos e sedosos e, impreterivelmente, estas mulheres deveriam ter uma aparência jovem<sup>52</sup>.

Apesar de ser considerada frágil, a mulher era também vista como perigosa, principalmente pela sua beleza e a possibilidade de poderem envolver e seduzir os homens. Se sua natureza fosse má, poderia levar o sexo masculino a ruína e até mesmo se tornar o estopim de guerras, como é o caso retratado de Helena e algumas deusas, como Hera e Atena<sup>53</sup>:

*Nos textos antigos, com poucas e complicadas exceções (Páris e Odisseu), corpos como perigosamente desejáveis, corpos cuja possessão é enganosa, corpos que impedem conhecimento (por velamento, engano, etc) tendem ser femininos. Eles são, além disso, corpos femininos imortais, semi-mortais ou de imortal fabricação – Afrodite, Helena e Pandora respectivamente.*<sup>54</sup>

O desejo sexual era algo exclusivamente masculino. Para a mulher restaria somente a possibilidade de se ornar, para como isso poder despertar e atender aos desejos sexuais do seu marido e/ou cumprir seu dever de reproduzir e gerar os futuros líderes das cidades gregas.

---

<sup>49</sup> Como já destacado, a guerra, o saque e a pilhagem eram extremamente comuns nesse período. Nesse sentido, ao invadir uma cidade, os guerreiros vitoriosos tomavam posse de tudo aquilo que lhes seria útil. Principalmente da mão de obra escrava, geralmente de mulheres, visto que a grande maioria dos homens haviam sido derrotados e mortos em batalha (Vernant, 2001).

<sup>50</sup> Homero, 2015b, I, V.V 356-359.

<sup>51</sup> Homero, 2015a VII, V.V 289-291.

<sup>52</sup> R. M. Oliveira. *O mito de Helena em Homero: a abertura figurativa*. (Byzantion Nea Hellás, 2008); M. Sartre. Virilidades gregas. In: Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. (Org.). *História da virilidade I: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. (Rio de Janeiro: Vozes, 2013: 17-70).

<sup>53</sup> N. Wormam. *The Body as Argument: Helen in Four Greek Texts*. (Classical Antiquity, 1997); R. M. Oliveira. *O mito de Helena em Homero: a abertura figurativa*. (Byzantion Nea Hellás, 2008).

<sup>54</sup> N. Wormam. *The Body as Argument: Helen in Four Greek Texts*. (Classical Antiquity, 1997); R. M. Oliveira. *O mito de Helena em Homero: a abertura figurativa*. (Byzantion Nea Hellás, 2008): 154-155.

O corpo feminino não estava autorizado a sentir desejo, atração e prazer. Direito este que estava destinado aos corpos masculinos:

*Pelo motivo de eu ter recusado o resgate magnífico  
da bela filha de Crises, em vista de ser do meu gosto  
junto mantê-la de mim, que a antepunha sem dúvida alguma,  
a Clitemnestra, legítima esposa, que em nada lhe cede  
no porte altivo, em beleza e nas prendas variadas do sexo<sup>55</sup>*

A representação de mulher utilizada por Homero não se enquadra no caso das Amazonas. Segundo aponta Pereira (1997), estas mitológicas mulheres guerreiras eram provenientes de uma sociedade governada e composta apenas por membros do sexo feminino. As características exaltadas na sociedade das Amazonas valorizavam a *andrefia*, ou seja, as capacidades físicas consideradas masculinas como, por exemplo, o manejo de armas<sup>56</sup>. Estas guerreiras foram citadas por Homero na *Íliada* como mulheres que lutavam como homens, tornando-se aliadas dos troianos, provocando inúmeras baixas no exército grego:

*Como aliado tomei, também, parte com eles na guerra  
contra as viris Amazonas, no dia em que aqui elas vieram  
(Homero, 2015a, III. V.V 188-189).*

Numa das passagens em que a autora faz menção às Amazonas, mostra como estes corpos femininos causaram grandes problemas aos heróis gregos:

*Aquiles venceu a rainha das Amazonas, mas, no momento em  
que lhe enterra a espada no peito, os olhares de ambos cruzam-se, e  
o feroz guerreiro sente-se subjugado pelo encanto da sua intrépida  
opositora: mas já é tarde. É esse o momento que o pintor captou com  
tal intensidade, que é costume nomeá-lo por esta sua obra-prima: o  
Pintor de Penteseleia.<sup>57</sup>*

Outro corpo que surge nas obras de Homero é o do atleta. Figura que passa a ser muito valorizada na antiguidade grega. A concepção de atleta que existe na atualidade foi concebida muito tempo depois das obras de Homero. Contudo, se um olhar mais acurado for lançado às obras do rapsodo grego, pode-se encontrar em seus escritos importantes elementos que ajudaram a configurar a imagem do atleta moderno. Sartre<sup>58</sup>, ao comentar sobre este espírito de competição levanta pontos importantes:

*O sentido da agon, da competição, que encontramos em todos  
os aspectos da vida pública do cidadão, é adquirido desde a infância e  
se encontra vivamente encorajado pelas instâncias cívicas. Não existe  
andrefia sem um sentido profundo de agon: sempre e em toda a parte  
fazer melhor que o outro. Este espírito de competição se encontra no  
coração mesmo da cidade e, por consequência, no comportamento  
daqueles que são seus membros: os homens.*

Este indivíduo inspirado pelos conceitos de *andrefia* e *agon* também poderia ser chamado de “pré-atleta”, pois se tratava de um guerreiro que realizava determinadas ações físicas com o intuito de comparação de habilidades com outros guerreiros.

---

<sup>55</sup> Homero, 2015a I, V.V 111-115.

<sup>56</sup> M. H. R. Pereira. *Estudos de Cultura Clássica*. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997).

<sup>57</sup> M. H. R. Pereira. *Estudos de Cultura Clássica*. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997): 632-633.

<sup>58</sup> M. Sartre. Virilidades gregas. In: Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. (Org.). *História da virilidade I: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. (Rio de Janeiro: Vozes, 2013: 17-70): 24-25.

*Vamos, amigos, pergunte-se ao estrangeiro se sabe  
ou se aprendeu qualquer jogo. Seu todo não mostra ser fraco.  
Vede quão fortes as coxas e as pernas e, mais ainda, os braços;  
vede-lhe o forte pescoço, são mostras de força.*<sup>59</sup>

A exaltação da força do guerreiro se dá sempre em uma disputa para medir suas habilidades, coragem e/ou um determinado prêmio. Precisa encontrar sempre um adversário a sua altura, para que se torne cada vez mais valoroso com a experiência do combate<sup>60</sup>.

*Mas, uma vez que desejas que eu vá combater novamente,  
faze que todos os homens de Troia e os Acaios se sentem,  
para que eu possa no meio do campo lutar com o aluno  
de Ares, o herói Menelau, por Helena e suas muitas riquezas.  
O que provar que é o mais forte, vencendo o adversário na luta,  
leve consigo os tesouros e a casa conduza a consorte.*<sup>61</sup>

Torna-se bastante perceptível que existia uma valorização dos desempenhos físicos na sociedade grega. A busca pelo *agon* se dava pelo mais alto nível de glorificação e, conseqüentemente, uma inserção na posteridade histórica. Outro ponto a ser mencionado é a relação que se pode fazer com o atleta moderno pois, tanto os competidores da antiguidade como os modernos, buscam medir suas habilidades com outros e com isso alcançar a vitória, que lhes daria o prestígio e gravaria seus feitos na história. Aos poucos, alguns guerreiros, além da glória no campo de batalha, passaram também a almejar serem excelentes nas competições atléticas:

*Hóspede pai, experimenta, também, vir medir-te conosco  
se qualquer jogo aprendeste; é forçoso que algum também saibas,  
que maior glória não há para um homem, enquanto está vivo,  
do que nas lutas das mãos ou dos pés sair sempre galhardo*<sup>62</sup>

Os jogos eram organizados em funerais de heróis aclamados e eram utilizados como um divertimento, suprimindo a tensão dos combates e de certa maneira treinar os guerreiros, ou seja, ao mesmo tempo em que eram utilizados para distração, serviam para apurar as habilidades dos combatentes.

*Mas esse, agora, se achava nas naves recurvas e céleres,  
estomagado com o chefe dos heróis, o possante Agamémnone,  
filho de Atreu. Junto à praia do mar sonoros seus homens  
se divertiam no jogo dos discos, de flechas e lanças.*<sup>63</sup>

Gradativamente, o atleta passa a ser mais aclamado que o próprio guerreiro, visto que possuía as mesmas características corporais, porém realiza suas ações visando apenas comparar suas habilidades e não a busca pela sobrevivência no campo de batalha<sup>64</sup>.

---

<sup>59</sup> Homero, 2015b, VIII, V.V 133-136.

<sup>60</sup> R. N. Bittencourt. *A conduta dos heróis na épica de Homero*. (Revista Espaço Acadêmico, 2009).

<sup>61</sup> Homero, 2015a III, V.V 67-72.

<sup>62</sup> Homero, 2015b VIII, V.V 145-148.

<sup>63</sup> Homero, 2015a, II, V.V 771-774.

<sup>64</sup> L. C. T. Santos. *A Atividade Física e a construção da corporeidade na Grécia Antiga*. (Revista da Educação Física/UEM, 1997); M. Sartre. Virilidades gregas. In: Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. (Org.). *História da virilidade I: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. (Rio de Janeiro: Vozes, 2013: 17-70).

### 3. Considerações Finais

Ao analisar as traduções de Carlos Alberto Nunes<sup>65</sup> de “Ilíada” e “Odisseia”, pode-se notar que o corpo era muito valorizado. Afinal, em muitos momentos era ele o responsável por determinar as funções e o papel de cada indivíduo na sociedade grega daquele período. O corpo definia qual indivíduo teria mais prestígio e respeito, bem como aqueles que seriam estigmatizados e marginalizados. Nesse sentido, pode-se notar a presença de vários corpos no período que compreende o estudo, bem como, suas respectivas funções sociais.

O corpo do guerreiro era o que recebia maior prestígio e respeito. Sempre na busca por um corpo belo, forte, robusto e ágil, um caráter impecável e uma inteligência ímpar, por serem características consideradas importantes no campo de batalha. Paulatinamente, quem tomou esse lugar de destaque foi o atleta, pois possuía as mesmas características físicas do guerreiro, porém as usa apenas para medir suas habilidades. O fato de apenas medir suas habilidades sem visar a sobrevivência, evidencia o uso do “logos”, ou seja, o uso da razão para encontrar novas formas de exercer soberania sem que envolvesse a morte. Nessa nova perspectiva de exercício de soberania, o uso dessa nova maneira de pensar toma um lugar de destaque, pois essa dimensão racional passa a ser mais valorizada. Nessa transição ocorreu uma maior valorização do atleta, pois esse representava uma maior personificação da racionalidade e do cuidado e controle do corpo, ou seja, esse corpo se aproxima dos indivíduos comuns e não aos dos deuses, como era a prerrogativa do guerreiro.

Ao seguir essa lógica, os corpos mais estigmatizados e com menor importância eram os dos mendigos e escravos. Os primeiros eram considerados escória, por recusarem-se a sentir o peso e o valor da labuta. Sendo assim, não contribuíam em nada para/com seu povo, tornando-se tão somente um peso inútil. Nesse sentido, existia a caracterização da falta de cuidado com o corpo. No caso dos escravos havia o ultraje do corpo, pois são tomados de suas cidades e famílias para viverem como escravos na casa de uma família nobre.

Contudo, os corpos dos guerreiros recebem o maior destaque, pois toda a obra homérica é voltada a suas epopeias. Existia ainda uma grande ênfase no detalhamento de seus corpos e feitos heroicos. Os corpos das mulheres, dos velhos e escravos aparecem apenas em segundo plano, sem um maior detalhamento, com as suas características apontadas apenas nas entrelinhas. Ao analisar as fontes, pode-se concluir que o corpo masculino, mais especificamente do guerreiro e posteriormente o do atleta, eram os mais aclamados pela sociedade grega. Ao receber esse grande destaque, estes corpos tinham a possibilidade de gravar seus feitos na história, tornando-se modelos para as civilizações vindouras.

### Referências

- Anest, M-C. *Zoophilie, homosexualité, rites de passage et initiation masculine dans la Grèce Contemporaine*. Paris: L'Harmattan, 1994.
- Aubretton, R. *Introdução a Homero*. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1968.
- Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- Belfiore, J. C. *Dictionnaire de mythologie grecque et romaine*. Paris: Larousse, 2003.
- Bittencourt, R. N. A conduta dos heróis na épica de Homero. *Revista Espaço Acadêmico*, 2009.
- Eliade, M. *Mito y Realidad*. Editorial Labor S.A, 1991.
- Gabrecht, A. P.; Silva, G. V. Homero e o contexto de produção de Ilíada e Odisseia. *Revista Agora*, 2006.
- Grimal, P. *La mythologie Grecque*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.
- Homero. *Ilíada (em versos)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015a.
- Homero. *Odisseia (em versos)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015b.
- Lallane, S. *Une éducation grecque: rites de passage et construction des genres dans le roman grec ancien*. Paris: La Découverte, 2006.

---

<sup>65</sup> Homero. *Ilíada (em versos)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015a; Homero. *Odisseia (em versos)*.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015b.

- Marcondes, D. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- Oliveira, R. M. O mito de Helena em Homero: a abertura figurativa. *Byzantion Nea Hellás*, 2008.
- Pereira, M. H. R. *Estudos de Cultura Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- Reale, G. *Corpo, Alma e Saúde: O Conceito de Homem de Homero a Platão*. São Paulo: Ed. Paulus, 2002.
- Santos, L. C. T. A Atividade Física e a construção da corporeidade na Grécia Antiga. *Revista da Educação Física/UEM*, 1997.
- Sartre, M. Virilidades gregas. In: Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. (Org.). *História da virilidade 1: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013 p.17-70.
- Schüler, D. *Literatura Grega*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- Snell, B. *A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- Vernant, J-P. *El individuo, la muerte y el amor en la Antigua Grecia*. Barcelona: Paidós, 2001.
- Viegas, A. S. A performance do belo corpo de Odisseu se mostra: De Proscrito a Príncipe. *Principia*, 2012.
- Vigarello, G. Introdução. In: Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. (Org.). *História da virilidade 1: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 11-16.
- Wormam. N. The Body as Argument: Helen in Four Greek Texts. In: *Classical Antiquity*,